

# JNT-FACIT BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL - ISSN: 2526-4281 QUALIS B1



## LÍNGUA COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA E MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

## LANGUAGE AS A STRATEGY FOR RESISTANCE AND MAINTENANCE OF INDIGENOUS CULTURE: AN EXPERIENCE REPORT

**Danielle Mastelari LEVORATO**  
Universidade Federal do Tocantins UFT  
E-mail: daniellemastelari@hotmail.com

**Francisca Martim CAVALCANTE**  
Centro Universitário Tocantinense  
Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)  
E-mail: franciskavalcante@hotmail.com

**Francisco Ediviges ALBUQUERQUE**  
Universidade Federal do Tocantins UFT  
E-mail: fedvigés@uol.com.br



## RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar uma experiência vivenciada em 2016, junto ao Povo Indígena Krahô do Tocantins, na aldeia Manoel Alves Pequeno, em que a língua materna foi utilizada como ferramenta de resistência em face de uma reunião com representantes governamentais. Na ocasião se evidenciou como esse mecanismo é importante para a manutenção da cultura desse povo, considerando aspectos externos e internos atuantes no permanente conflito sociocultural, político-econômico, ideológico e linguístico. A cultura de um povo está relacionada ao aspecto social, aos rituais, cantos, mitos, outros aspectos relacionados às culturas de cada comunidade. Nesse sentido, a língua é um recurso na manutenção da cultura e, principalmente, mantendo a história e os saberes de seu povo. A fundamentação teórica que dá sustentação a nosso trabalho está voltada para os autores que realizaram pesquisas sobre a temática indígena, intercultural e bilíngue. A abordagem metodológica se pautou na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico.

**Palavras-chave:** Língua indígena. Resistência. Manutenção da cultura. Etnografia.

## ABSTRACT

The aim of this paper is to report an experience lived in 2016, with the Krahô do Tocantins Indigenous People, in the village Manoel Alves Pequeno, in which the mother language was used as a resistance tool before of a meeting with government representatives. At the time, it became evident how important this mechanism is for maintaining the culture of this people, considering external and internal aspects acting in the permanent socio-cultural, political-economic, ideological and linguistic conflict. The culture of a people is related to the social aspect, to the rituals, songs, myths, other aspects related to the cultures of each community. In this sense, language is a resource in maintaining culture and, mainly, maintaining the history and knowledge of its people. The theoretical foundation that supports our paper is focused on the authors who carried out research on indigenous, intercultural and bilingual themes. The methodological approach was based on qualitative research of an ethnographic nature.

**Keywords:** Indigenous language. Resistance. Culture and maintenance. Ethnography.

## INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta uma visita à aldeia Manoel Alves Pequeno, do Povo Indígena Krahô, que ocorreu entre os dias 16 e 22 de agosto de 2016, oportunidade em que se realizava a terceira edição dos Jogos Esportivos Krahô (17 a 22 de agosto).

Os jogos esportivos Krahô foi um evento promovido para o fortalecimento da cultura do povo Krahô. Aproximadamente 200 indígenas de 24 aldeias competiram com as modalidades da tradição esportiva. Além dos Krahô de Itacajá e Goiatins participaram dos jogos os Krahô-Kanela da Lagoa da Confusão. Participaram também, com espectadores, os não indígenas, professores, pesquisadores e visitantes das comunidades mais próximas.

Foram realizadas várias modalidades de jogos, distribuídas entre crianças, jovens e adultos e divididas em equipes femininas e masculinas. Durante os seis dias de competição nos jogos todos participaram, os mais velhos como orientadores tradicionais, transmitindo as experiências; os jovens, além de aprender, se destacaram em diversas modalidades específicas da cultura Krahô.

Nesta oportunidade, foi possível presenciar uma reunião entre representantes do governo estadual do Tocantins e os líderes Krahô, em que lhes foram apresentados os novos paradigmas do Estado com a informação de que a área das Terras Indígenas Krahô passaria a incorporar a parte Nordeste do Estado, face as novas delimitações.

Para isso, este trabalho tem por objetivo compartilhar as experiências vivenciadas enquanto pesquisadores e extensionistas não indígenas durante o desenvolvimento dos jogos e outras atividades que foram realizadas pelo Laboratório de Línguas Indígenas - LALI, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas com Povos Indígenas - NEPPI e, na época, pelo Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena da CAPES.

Para tanto, utilizamos como metodologia participante a descrição da experiência, a partir de um diário de campo, produzido com base em nossas observações participativas que se deram em virtude de um sistema etnográfico de análise, do qual resultou este trabalho, revelando como a experiência contribuiu para conhecer mais sobre a cultura do povo Krahô.

O embasamento teórico deste artigo acionou autores voltados para os estudos com os povos indígenas e da Educação Escolar Indígena Krahô, intercultural e bilíngue, tais como: Albuquerque (2012), Rodrigues (1986), Melatti (1978) e Santos (2003).

## POVO INDÍGENA KRAHÔ

O povo indígena Krahô habita uma área situada à margem direita do Rio Tocantins, entre os municípios de Itacajá e Goiatins, a nordeste do atual Estado do Tocantins. Segundo dados do Distrito Sanitário Especial Indígena - DISEI (2021), a população Krahô

é de aproximadamente 3.702 habitantes distribuída por 35 aldeias, que integram as terras indígenas desse povo, região denominada Krahôlândia.

Os Krahô falam uma língua de mesmo nome de sua etnia. De acordo com classificação de Rodrigues (1986), a língua desse povo pertence ao tronco linguístico Macro-Jê e à família linguística Jê. Trata-se de uma língua Timbira. A língua Krahô, segundo Albuquerque e Yahe Krahô (2016) é composta por 29 grafemas, sendo 13 consoantes (c,g,h,j,k,m,n,p,q,r,t,w,x), 16 vogais, sendo 10 orais (a,ã,e,ê,i,o,ô,u,y,ỳ) e 6 nasais (ã,ẽ,ĩ,õ,ũ,ỹ). Além dos aspectos linguísticos os Krahô possuem uma sociedade complexa, com ampla organização social, constituem suas aldeias em forma circular onde as ruas, nas quais se localizam as casas, levam ao centro comum a todos, chamado de Pátio.

**Fig. (1).** Formato de uma aldeia Krahô.



**Fonte:** Albuquerque (2014, p.30).

[...] o formato da comunidade Krahô é em círculo e se assemelha em quase todas as aldeias de povos Timbira. Em volta do pátio (Cà) estão as casas de cujas entradas dirigem-se ruas até o centro do pátio onde são realizados os rituais e as reuniões mais importantes da aldeia com os sábios e as demais autoridades da comunidade. Essa disposição circular das casas e do pátio é um dos principais traços das aldeias Krahô, bem como de todas as comunidades Timbira (SANTOS, 2014, p. 24).

A sociedade Krahô é dividida em duas metades sazonais: Catãmjê, que está relacionada ao período chuvoso (inverno) e ocupa o lado oeste do pátio e Wacamêjê que está relacionada ao período da seca (verão) e, por sua vez, ocupa o lado leste do pátio.



Segundo Melatti (1967, p.65), a escolha do nome é que determinará a qual metade o indivíduo fará parte, sendo que existe uma lista de nomes pessoais pertencente a cada metade.

Os Krahô ainda são considerados bilíngues por fazerem uso tanto da língua materna quanto da língua portuguesa e isso decorre da necessidade imediata de comunicação com o não indígena quando se procura o supermercado ou o posto de saúde, por exemplo, junto a sociedade não indígena.

Albuquerque (2012) explica que o povo indígena tem que se “adequar” e adotar a língua da sociedade envolvente e ao mesmo tempo lutar para que sua língua materna não morra de fato. Assim, devido ao processo de contato com a sociedade não indígena próxima ao seu território e ao número significativo de casamentos mistos entre os Krahô e não indígenas, o português tem sido dominante, o que causa preocupação em virtude da necessidade da preservação da língua materna como primeira língua.

Desse modo, povo Krahô possui uma diversidade cultural muito rica, pois ainda praticam a pintura corporal, mantendo os rituais e preservando seus mitos enquanto herança imaterial e seus pratos típicos. Os Krahô permanecem com sua cultura viva, visíveis nas festividades, como: a festa da batata, corrida da tora, Hotxuà, entre outras. A atividade relacionada à roça também é predominante na cultura desse povo.

Rodrigues diz que:

Os índios no Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se de nós por falarem diferentes línguas (RODRIGUES, 1986, p. 17).

Segundo Melatti (1978), antigamente era costume para os homens andarem nus dentro da aldeia, ou com um pano quadrado pendurado ao redor da cintura com o auxílio de um cinto de couro ou palha de buriti, de modo a cobrir-lhes a parte íntima.

Atualmente os homens fazem uso de bermuda e costumam ficar sem camisa, já as mulheres continuam usando um tecido ao redor da cintura, como se fosse uma saia. A maioria das mulheres ficam com os seios à mostra. Os Krahô, homens e mulheres, continuam a usar suas pinturas corporais feitas com urucum e/ou jenipapo.

Esse povo sobrevive da produção de mandioca, milho, arroz, feijão, inhame, batata, dentre outros, plantam, ainda, urucum, cabaça e algodão. Alguns criam porcos, galinhas e também utilizam a caça e a pesca para completar a alimentação. A pesca é uma importante fonte de alimentos para os indígenas, mas tem declinado progressivamente com o passar dos anos devido ao impacto ambiental nos rios da reserva (ALBUQUERQUE e

ALMEIDA, 2012). As caçadas são realizadas individualmente ou em grupos e estas acontecem geralmente no período da seca. Entretanto, essa prática tem sido menos frequente devido à escassez de animais.

## **A CHEGADA DA EQUIPE E O LANÇAMENTO DOS LIVROS**

Os Jogos Indígenas Krahô ocorreram entre os dias 17 e 22 de agosto de 2016, na aldeia Manoel Alves Pequeno, que foi fundada entre os anos de 1982 para 1983. Atualmente conta com 325 indígenas, sendo 152 homens e 173 mulheres, com um total de 67 famílias vivendo em 44 casas (YAHÉ KRAHÔ, 2016). Desde a fundação da comunidade até o momento somente 4 caciques estiveram à frente dos trabalhos.

A equipe do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI/UFT), composta de 20 pessoas, dentre elas professores-pesquisadores, discentes de diversas graduações, além de mestrandos e doutorandos, chegou à aldeia no dia 16 de agosto de 2016 no início da tarde, oportunidade em que realizaram a organização logística para a acomodação nos próximos dias e que tiveram os primeiros contatos com a comunidade Krahô, especialmente com os homens mais velhos e as crianças.

O Cacique Dodanin Piken Krahô recebeu todos muito gentilmente, nos apresentando aos líderes mais velhos, criando um ambiente agradável a nossa estadia. Os Krahô são muito receptivos, carismáticos e gentis.

A acomodação ocorreu na escola 19 de Abril, que é de alvenaria, composta de 02 salas de aula, 01 sala de reunião para professores, 01 sala para acomodação de material didático, secretaria, cozinha, banheiros femininos e masculinos. Observou-se que a aldeia possui, além da escola, posto de saúde, antena para captação de sinal de internet, telefone público.

No dia 17 de agosto de 2016, logo pela manhã, foram realizados os preparativos para o lançamento dos livros produzidos pelo Laboratório de Línguas Indígenas - LALI, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas com Povos Indígenas - NEPPI e pelo Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena da CAPES.

Após a estruturação do ambiente, que foi decorado com a ajuda da comunidade com a exposição de elementos típicos do povo, foi realizada a solenidade de lançamento dos livros de Ciências Krahô, Gramática Krahô e Matemática Krahô, que fazem parte do Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Escolar Indígena Krahô do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade Federal do Tocantins, que tem como organizador o Professor Doutor Francisco Edvigés Albuquerque, oportunidade em que também foi realizado o pré-lançamento do livro Aspectos Histórico e Cultural do Povo Karajá

Xambioá, que tem como autor o geógrafo Adriano Dias Gomes Karajá e que foi organizado sob a orientação do professor Francisco Edvigés Albuquerque.

Na ocasião houve os pronunciamentos do Professor Edvigés, responsável por todos os trabalhos desenvolvidos pelo LALI junto à comunidade, o pronunciamento do Cacique Dodanin Piken Krahô e de outros líderes Krahô, além dos pronunciamentos dos professores da Escola 19 de Abril e representantes da Diretoria de Ensino de Pedro Afonso que estiveram presentes à solenidade.

O lançamento dos livros foi motivo de grande alegria para o povo Krahô, pois se trata do registro de aspectos específicos de uma cultura, na qual os mais velhos transmitiam os saberes oralmente. O registro dos elementos específicos da cultura Krahô, representa a oportunidade de perpetuação dos seus saberes, suas tradições, além da colaboração para a preservação da língua e por consequência de todo patrimônio cultural imaterial existente.

## **DA UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA E MANUTENÇÃO DA CULTURA**

No dia 19 de agosto de 2016, pela manhã, os jogos indígenas Krahô foram suspensos temporariamente, face à visita inesperada de uma comitiva do governo estadual do Tocantins que chegou, sabendo que os indígenas estavam reunidos em grande número em face dos jogos, e solicitou uma reunião para informa-los sobre alterações realizadas nos pontos cardeais do mapa do estado e que o território Krahô passaria integralmente a compor a parte Nordeste do estado do Tocantins.

A reunião foi concedida à comitiva, e os Krahô organizaram várias carteiras escolares embaixo de uma mangueira para acomodar a todos. A discussão foi muito longa, com cerca de 3 horas de duração e contou com a participação de 5 representantes governamentais, o cacique da aldeia Manoel Alves Dodanin Piken Krahô, dos anciões Getúlio Krahô e Secundo Krahô além de outros líderes Krahô e também participação de alguns representantes do Laboratório de Língua Indígenas – Lali, que foram convidados pelos Krahô para ajuda-los nos esclarecimentos das questões que seriam discutidas.

Durante a exposição da questão pelos representantes do governo os líderes solicitaram diversos esclarecimentos, visto que tudo o que corresponde ao tema território gera inúmeras dúvidas a todos os povos indígenas o que não seria diferente com o povo krahô e, em muitos momentos, os participantes da comunidade krahô se manifestavam na língua mãe, diga-se em língua Krahô, o que impedia a qualquer um que não fizesse parte da etnia compreender o teor de suas discussões.

Um dos momentos mais marcantes desta reunião foi quando o ancião Getúlio Krahô que acompanhava tudo um pouco mais distante, vendo que a reunião já estava cansativa e muito longa, se aproximou e conversou em língua mãe com o Cacique Dadonin.

Passados alguns minutos desta conversa o Cacique muito gentilmente, mas com toda autoridade e respeito que lhe competia encerrou a reunião, informando aos todos da comitiva que aquele momento era muito especial para eles, pois comemoravam seus jogos tradicionais e que não poderiam continuar a discutir o assunto levado pela comitiva governamental tendo em vista que o povo krahô era composto de mais de 30 aldeias espalhadas por toda a Kraholândia e que muitos caciques não puderam comparecer aos jogos. Explicou ainda, que um assunto que interferia na disposição geográfica do território era muito complexo e que a consulta ao povo não poderia se dar em uma única reunião de maneira que eles não iriam se manifestar sobre o assunto, porém se comprometiam a levar as informações a todas as aldeias do povo Krahô para realizarem uma reunião posterior. Assim encerrou a reunião solicitando que os representantes voltassem à comunidade após 30 dias para uma nova reunião.

Este evento foi uma experiência grandiosa pois pudemos verificar na prática a importância da utilização da língua mãe como estratégia de defesa e compreender melhor o porquê a Educação Escolar Indígena possui como um dos seus princípios o bilinguismo/multilinguismo, exigindo-se que a primeira etapa da alfabetização seja na língua mãe.

Porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e as práticas religiosas, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestadas através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos indígenas que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilinguismo simbólico importante (RCENEI, 1998, p. 25).

Ademais a Constituição Federal de 1988 garante aos indígenas o direito a Língua,

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BRASIL, 1988, s/p).

Ademais, a Convenção 169 sobre os Povos Indígenas e tribais da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que é lei no Brasil desde 2004, que se encontra elencada no Decreto 10.088 de 5 de novembro de 2019, anexo LXXII, dispõe em seu Artigo 6º:



1. Ao aplicar as disposições da presente Convenção, os governos deverão:

a) consultar os povos interessados, mediante procedimentos apropriados e, particularmente, através de suas instituições representativas, cada vez que sejam previstas medidas legislativas ou administrativas suscetíveis de afetá-los diretamente;

b) estabelecer os meios através dos quais os povos interessados possam participar livremente, pelo menos na mesma medida que outros setores da população e em todos os níveis, na adoção de decisões em instituições efetivas ou organismos administrativos e de outra natureza responsáveis pelas políticas e programas que lhes sejam concernentes;

c) estabelecer os meios para o pleno desenvolvimento das instituições e iniciativas dos povos e, nos casos apropriados, fornecer os recursos necessários para esse fim.

2. As consultas realizadas na aplicação desta Convenção deverão ser efetuadas com boa fé e de maneira apropriada às circunstâncias, com o objetivo de se chegar a um acordo e conseguir o consentimento acerca das medidas propostas (BRASIL, 2019, s/p).

Desta forma, ficou claro a importância da utilização da Língua Krahô como estratégia de resistência e manutenção da cultura indígena, uma vez que este Povo se reservou ao direito de utilizá-la demonstrando a importância da manutenção de um dos principais elementos culturais que permite a preservação de toda cultura material e imaterial desse Povo.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho é de cunho qualitativo e participante, uma vez que prioriza compartilhar as experiências vivenciadas enquanto pesquisadores quando da visita ocorrida entre os dias 16 e 22 de agosto de 2016, a aldeia Manoel Alves Pequeno para realizar os lançamentos dos livros produzidos pelo Laboratório de Línguas Indígenas e para assistirmos a terceira edição dos Jogos Esportivos Tradicionais do Povo Krahô.

Observa-se que o método qualitativo busca por informações consistentes e válidas e não pode deter-se aos dados estruturados, puramente quantitativos, tal qual os imaginamos - na forma de clássicas planilhas, relatórios volumosos, números, percentuais e gráficos - cada vez mais precisamos ir aos dados de natureza qualitativa, como textos, discursos, entrevistas, trecho de livros, reportagens, etc. Dados que envolvem elementos que muitas vezes desafiam a astúcia do pesquisador ou do homem de negócios, pois escondem em suas entrelinhas posicionamentos, opiniões, perfis, que exigem uma leitura atenta e ferramentas (tal qual a lupa de um detetive) que possibilitem chegar com maior rapidez (condição de sobrevivência) às informações realmente pertinentes (POZZEBOM e FREITAS, 1996; LESCA, FREITAS e CUNHA, 1996).

Desta forma a pesquisa foi realizada pelo prisma da etnografia, método muito utilizado pela antropologia na descrição de grupos étnicos e culturais, onde se descrevia o

modo de vida da humanidade e, mais tarde passou a servir como modo de descrição social e científica de pessoas ou da configuração cultural de populações. Atualmente se observa uma crescente adoção da etnografia por diferentes disciplinas científicas como a sociologia, a educação e a psicologia, e sua utilização em diferentes áreas da pesquisa.

Foi por meio da etnografia que, como pesquisadores, adentramos no mundo do povo Krahô e observamos cada detalhe, de tudo o que nos era apresentado e ocorria ao nosso redor.

A etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, a fim de recriar as crenças, descrever práticas e artefatos, revelar comportamentos, interpretar os significados e as ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo. O pesquisador permanece em campo envolvido, durante um período durável, na vida cotidiana dos membros de uma comunidade ou grupo homogêneo, geograficamente determinados, partilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções, sem pré-julgamento ou preconceitos pessoais para compreender a cultura dos grupos. Esse contato próximo habilita o pesquisador para alcançar um conhecimento íntimo e amplo do grupo, aprendendo não só o que ocorre no local, mas também como é visto, construído e usado pelos membros do grupo nas atividades habituais do dia a dia (CHIZZOTTI, 2013, pp. 71-72).

Observa-se que a etnografia deu-nos a oportunidade de participarmos de perto de cada atividade. Podíamos interagir com a comunidade o tempo todo sem, contudo, interferir no planejamento dos acontecimentos e das festividades.

Também foi utilizado um diário de campo, onde tudo foi anotado rigorosamente à medida que acontecia, este instrumento foi de suma importância para que pudéssemos resgatar as memórias dos fatos e atividades que aconteceram durante o período que estivemos em campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar claramente, que embora a comitiva governamental tivesse somente a intensão de comunicar ao Povo Krahô as mudanças dos marcos geográficos do Estado e que todo o território Krahô passaria a compor a parte nordeste do estado, esse assunto deveria ser adiantado a eles com antecedência para que pudesse ser reunidos todos os líderes e demais interessados de todas as aldeias a fim de compreenderem melhor o assunto e então darem a aceitação ou não ao governo.

Considerando que a extinção da língua de um povo ocorre, principalmente, devido à atuação conjunta dos motivos políticos, econômicos e ideológicos, que apesar da resistência dos povos indígenas atinge o cerne da língua e da cultura indígena, e, portanto,

não havendo como contestar a relação entre o léxico e a cultura, o Povo Krahô, mais uma vez deu uma lição de sabedoria aos não indígenas, pois além de mostrarem a todos a importância de utilizarem a língua mãe como estratégia de defesa fizeram valer seus direitos quanto a consulta governamental em questão, não bastando chegar inesperadamente em meio a um evento interno expor o dilema e ir embora, devendo haver o respeito ao momento, *in casu*, aos jogos indígenas e a outras atividades previamente agendadas e que ocorriam naquela ocasião.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. ALMEIDA, Severina Alves de (Orgs). **Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. Goiânia: Ed. América, 2012.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges e YAHE KRAHÔ, Renato (Orgs.). **Gramática Pedagógica Krahô**. Campinas/Spp.: Pontes Editoras. 2016.

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (Org.). **Geografia Krahô**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2014.

ALMEIDA, Severina Alves de.; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. SOUSA, ROSINEIDE. Magalhães de. SILVA Ângela Maria.; FERREIRA, Renato A. Pesquisa Etnográfica no Contexto Indígena Apinajé. **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 1, n. 2. 2017. Pp. 156- 176. ISSN 2526-4281 Disponível: <https://jnt.faculadefacit.edu.br>. Acesso em: 06-fev-2020.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10088.htm#art5](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10088.htm#art5). Acesso em: 13-jan-2021.

BRASIL. Decreto 10.088 de 5 de novembro de 2019. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10088.htm#anexo72](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10088.htm#anexo72). Acesso em: 13-jan-2021.

MIRANDA, Denise L.; SILVA, Denise M. Práticas de Letramento Literário: o Leitor e a Obra Literária na Construção do Saber. In: **JNT - Facit Business and Technology Journal**. v. 1, n. 10, 2019. ISSN 2526-4281. Disponível em: <https://jnt.faculadefacit.edu.br>. Acesso em: 06-fev- 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2013. 65-75p.

MELATTI, Julio C. **Índios do Brasil**. 7a Edição. Editora da Universidade de Brasília, Brasília, 1973.

POZZEBON, M. e FREITAS, H. **Construindo um E.I.S. (Enterprise Information System) da (e para a) empresa**. São Paulo: RAUSP, v.31, 1996.

**RCNEI.** Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígena, 1998. Disponível em: <https://sites.google.com/site/pedagogia6periodo2011/diretrizes-curriculares-1/referencial-curricular-nacional-para-a-educacao-indigena---rcnei>. Acesso em: 13-jan-2021.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.** São Paulo, Loyola. 1986.

YAHÉ KRAHÔ, Renato. **Proposta do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena** 19 DE ABRIL. Araguaína-TO:2017.